

A linguística e outros nomes de saber sobre a linguagem¹

Ana Cláudia Fernandes Ferreira (UNIMEP)

RESUMO: Do ponto de vista da História das Idéias Linguísticas, examino os sentidos construídos em torno de determinados nomes (*linguística, ciências da linguagem, estudos da linguagem, linguagens*, entre outros) que designam os estudos sobre a linguagem no Brasil, com destaque para o período de constituição da linguística na Unicamp, a partir da segunda metade do século XX. O objetivo é compreender os sentidos produzidos por estas designações no espaço científico brasileiro e as políticas institucionais envolvidas. Principio analisando o processo de *disciplinarização* e *denominação* desses saberes em universidades brasileiras, considerando suas condições de produção a partir do *Cours* de Saussure. Em seguida, apresento algumas reflexões sobre a inclusão do campo nomeado *Linguística, Letras e Artes* na *Tabela de Áreas* do CNPq e sobre a proposta de substituição desse nome, em 2005, por *Linguagens e Artes*.

Palavras-chave: História das idéias linguísticas, designações dos domínios do saber, disciplinarização, políticas institucionais.

RÉSUMÉ: Du point de vue de l'histoire des idées linguistiques, on examine les sens construits autour de certaines dénominations (linguistique, sciences du langage, études du langage, langages d'entre autres) qui désignent les études sur le langage au Brésil, en soulignant la période de constitution de la linguistique à l'Unicamp, depuis la seconde moitié du XX^e siècle. L'objectif est de comprendre la configuration de sens que ces désignations ont produit dans l'espace scientifique brésilien et le rôle des politiques institutionnelles concernées. On analyse le processus de disciplinarisation et dénomination de ces savoirs par les universités brésiliennes en considérant ses conditions de production à partir du Cours de Saussure. Puis, on présente quelques réflexions sur l'inclusion du champ Linguistique, Lettres et Arts dans le Tableau du CNPq et la proposition de remplacer cette dénomination, en 2005, par Langages et Arts.

Mot-clés: Histoire des idées linguistiques, dénominations des domaines du savoir, disciplinarisation, politiques institutionnelles.

O aporte teórico-analítico deste trabalho se constitui no âmbito de uma perspectiva materialista da História das Idéias Linguísticas – HIL, a partir da mobilização de conceitos e dispositivos teóricos e analíticos da análise de discurso, na linha das produções de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, e de dispositivos analíticos da semântica da enunciação, na linha dos trabalhos produzidos por Eduardo Guimarães.

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada na XI International Conference on the History of the Language Sciences – ICHoLS, em Potsdam, Alemanha, com o título: “La linguistique et d'autres dénominations des domaines du savoir”. A presente versão foi re-elaborada a partir de outras reflexões presentes em minha Tese de Doutorado (FERREIRA, 2009), que estuda o processo de institucionalização da linguística na Universidade Estadual de Campinas. As pesquisas desenvolvidas em minha Tese fazem parte do programa internacional de pesquisa História das Idéias Linguísticas (Capes/Cofecub) e se desenvolveu sob orientação da professora Claudia Pfeiffer, tendo apoio do CNPq (proc. 140215/2005-0), da Capes/Cofecub (proc. BEX 1351/06-0) e da Fapesp (proc. 04/13249-8).

Da perspectiva HIL, esta pesquisa sobre os nomes dos estudos da linguagem, entre outros nomes, se faz considerando a relação indissociável, tensa e contraditória, entre o Estado, as instituições e os saberes, tendo em conta as divisões que o Estado e as instituições produzem sobre os saberes no processo de designação de nomes de disciplinas: os saberes são sempre recortados, são sempre divididos. Mais do que isso, dizer que algo é *saber* já é produzir uma divisão. Dizer que *algo é saber* é, antes de mais nada, dizer que *algo não é*. As instituições universitárias são lugares privilegiados desta divisão política e normativa que institui algo como *um saber* e que produz aí uma divisão. Elas são os espaços onde os saberes são legitimados, ao mesmo tempo em que eles as legitimam.

Os saberes sustentam o lugar da instituição universitária em nossa sociedade e são sempre divididos, re-divididos e hierarquizados em diversos tipos e de diversas maneiras, na história. Na história da constituição destes saberes, a *ciência* – a palavra ciência – teve, no positivismo do século XIX, uma posição de destaque. A ciência significa como o saber mais legítimo entre os demais saberes. É neste espaço da demanda pela cientificidade que a Linguística vai se constituir como *a ciência* da linguagem.

A Institucionalização da Linguística no espaço universitário brasileiro: *a ciência da linguagem*

O processo de institucionalização da Linguística no Brasil teve início no final do século XIX, quando o nome *linguística* começa a ser introduzido em gramáticas e em outras produções. Com a criação das faculdades de letras, no início da década de 1930, o nome *linguística* começa a aparecer enquanto designação de *matéria* do curso de Filologia, depois como nome de *disciplina* e nome de *curso*. A partir de 1950, *linguística* tornou-se nome de *setor*, de *cadeira*, de *departamento* e nome de programas de Pós-Graduação.

Apresento, a seguir, uma tabela – não exaustiva – que ilustra alguns acontecimentos importantes relativos ao processo de institucionalização da linguística em faculdades e universidades brasileiras até meados da década de 1980 do século XX (FERREIRA, 2009).

Datas	Acontecimentos
1935...	O nome <i>linguística</i> começa a aparecer como matéria de disciplinas de cursos de Letras
1938-1939	Curso de Linguística ministrado por Mattoso Câmara na Universidade do Distrito Federal, Rio de Janeiro
1950	Curso de Linguística ministrado por Mattoso Câmara na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro

1958	Criação do Setor de Linguística no Departamento de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, organizado por Mattoso Câmara
1962	Estabelecimento do Currículo Mínimo para os cursos de Letras, por resolução do Conselho Federal de Educação, nos quais a Linguística se torna disciplina obrigatória
1962	Criação de um Departamento de Linguística no Instituto Central de Letras da Universidade de Brasília
1963	Criação de um Programa de Pós-Graduação em Linguística no Instituto de Letras da Universidade de Brasília
1965	Início da Pós-Graduação em Linguística na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo – USP
1968	Criação da Pós-Graduação em Linguística no Museu Nacional do Rio de Janeiro
1970	Criação do Departamento e do Curso de Graduação em Linguística no Instituto de Ciências Humanas da Unicamp
1971	Início da Pós-Graduação em Linguística no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp
1971	Transferência da Pós-Graduação em Linguística do Museu Nacional para a Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro
1971	Início da Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina
1976	Criação do Instituto de Estudos da Linguagem na Unicamp, formado pelo Departamento de Linguística e pelo recém criado Departamento de Teoria Literária
[1984 ?]	Inclusão da Linguística na Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq
1986	Criação do Departamento de Linguística na Faculdade de Letras da USP

Estes acontecimentos, relativos à institucionalização da linguística enquanto o nome “escolhido” para designar uma parte dos estudos da linguagem no espaço universitário brasileiro, são possibilitados por uma discursividade da linguística significada enquanto *a ciência da linguagem*, que é materializada eficazmente através da formulação *a linguística é a ciência da linguagem*.

Nesta formulação, a enunciação de *a ciência* funciona como uma categoria pré-estabelecida, sob a evidência de unidade e de homogeneidade, como uma etiqueta a-histórica que, no entanto, legitima e divide os saberes na história. Podemos dizer que tal definição se sustenta sob este efeito de evidência da unidade de uma ciência, reafirmada fortemente com a demanda pela cientificidade produzida no século XIX. Este efeito de evidência de unidade de uma ciência, nos termos de Dominique Lecourt (1972, p. 13): “a noção ideológica unitária de “a ciência””, legitima o próprio nome da ciência em questão. O nome *Linguística*, desde o século XIX, esteve sempre sustentado por este efeito de cientificidade: um preconstruído bastante produtivo até os dias de hoje.

Linguística, Ciência da Língua, Ciência da Linguagem...

Em textos de linguistas de filiações teóricas distintas e vinculados a espaços científicos diversos, dentro e fora do Brasil, podemos observar que a linguística é frequentemente formulada enquanto *a ciência da linguagem*. A meu ver, esta formulação se configura como um acontecimento discursivo bastante significativo na história dos estudos sobre a linguagem, de modo geral.

Em relação a isto, é interessante notar que em nenhuma parte do *Cours* – exceto quando a referência é a obra de outro autor² – a linguística é definida dessa maneira, pela *linguagem*. Ela é repetidamente reescrita³ ao longo da obra pela expressão *a ciência da língua*.

Apesar disto, é interessante observar que em diversos textos de diversos linguistas de filiação saussuriana a linguística é significada enquanto *a ciência da linguagem* e não simplesmente como *a ciência da língua*: produz-se aí, inevitavelmente, um deslocamento em relação à teoria saussuriana.

No entanto, embora Saussure defina a linguística como *a ciência da língua*, sabemos que a questão da linguagem comparece em diversas partes de sua obra. É necessário falar de linguagem para poder definir o que é língua.

No Capítulo II da primeira parte do *Cours* há uma reflexão interessante sobre a relação entre língua e linguagem. Ela se inicia do seguinte modo: “A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana” (SAUSSURE, 1916, p. 13).

Ao lado disso, é importante notar o papel da demanda pela cientificidade na necessidade de definir a língua como o objeto da linguística no *Cours*. O corte saussuriano, como se sabe, produziu as conhecidas oposições (frequentemente nomeadas de dicotomias) entre língua e fala, entre sincronia e diacronia, entre relações sintagmáticas e relações associativas, dentre outras. Ao mesmo tempo, isso levou à formulação de diversas divisões no domínio da Linguística: linguística indo-européia, linguística da língua, linguística da fala, linguística interna, linguística externa, linguística estática, linguística evolutiva, linguística sincrônica, linguística diacrônica, e etc.

² A designação de *ciência da linguagem* está presente na obra do autor apenas como citação das conferências de Max Müller, *Leçons sur la Science du Langage* (1861).

³ Tomo o conceito de *reescritura* tal como ele é definido por E. Guimarães (2002, 2004).

No capítulo IV da primeira parte do *Cours*, intitulado de Linguística da Língua e Linguística da Fala, por exemplo, podemos observar mais de perto essas divisões em funcionamento:

Com outorgar à ciência da língua seu verdadeiro lugar **no conjunto do estudo da linguagem**, situamos ao mesmo tempo toda a Linguística (*ibidem*, p. 26)

O estudo da linguagem comporta, portanto, **duas partes**: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independe do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física.

Sem dúvida, esses dois **objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente**; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça (*ibidem*, p. 27).

Nesta divisão, o estudo da linguagem não é necessariamente uma *disciplina* e nem uma *ciência*, mas um *estudo* ou um *conjunto do estudo*. Ou ainda, para dar outro exemplo, como *conjunto de fatos*: “A língua assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é” (*ibidem*, p. 23).

A esse respeito, vale lembrar as análises sobre a fundação da Semiologia, realizadas por J-C. Chiss e C. Puech (1999). Segundo os autores, a Linguística se constitui no *Cours* no espaço da Semiologia, uma disciplina até então inexistente. Ela está presente na obra enquanto um *porvir projetado* (*avenir projeté*) e depois passa a existir como um *passado memorizado* (*passé mémorisé*) em outras obras de outros autores.

Nesse sentido, poderia dizer que o estatuto de ciência no *Cours* é projetado para a Semiologia, que estuda “a vida dos signos no seio da vida social” (*ibidem*, p. 24) e daí para a Linguística, que é “uma parte dessa ciência geral” (*ibidem*, p. 24).

Linguística, Ciência da Língua, Ciência da Linguagem, Ciências da Linguagem...

Nesta história de nomes dos saberes, quanto à designação de *ciências da linguagem*, ela produz outro tipo de deslocamento. Esta designação pode ser encontrada numa obra de referência bastante conhecida, publicada em 1972, que é o *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage* de Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov. Este dicionário teve sua edição brasileira publicada ainda na década de 1970, pela Editora Perspectiva⁴. É bastante interessante que no início da introdução deste dicionário, há um comentário dos autores sobre esta designação. Vejamos: “O título desta obra comporta duas

⁴ Em diversas edições deste Dicionário que pude pesquisar não havia menção à data da primeira edição publicada no Brasil.

particularidades, que respondem a duas opções fundamentais e que precisamos explicar aqui: o plural *ciências* e o singular *linguagem*” (DUCROT & TODOROV, 1972b, p.9)⁵.

Vemos que, naquele momento, era preciso explicar as ‘opções fundamentais’ do ‘plural *ciências*’ e do ‘singular *linguagem*’. Apenas isto já mostra que esta formulação *ciências da linguagem* ainda não tinha sido naturalizada, ainda não funcionava no plano das evidências, era preciso explicá-la, justificá-la.

Passando para a década de noventa do século passado, vemos essa demanda pela necessidade de se colocar a expressão *ciência da linguagem* no plural ser comentada por S. Aurox (1992), para quem a Linguística é uma forma de saber ‘eminentemente transitória’:

É preciso, em particular, se render à evidência: a *linguística*, que tira seu nome de um neologismo alemão (1777) reutilizado por J-S. Vater em 1808 e adaptado em francês em 1812 (cf. Aurox, 1987a), é uma forma de saber e de prática teórica nascida no século XIX (o parentesco genético das línguas, a explicação histórica, as línguas nelas e por elas mesmas). Trata-se pois de uma forma de estruturação do saber eminentemente transitória, que está provavelmente em vias de desaparecer sob nossos olhos (é por isso que recorremos cada vez mais à expressão plural “**ciências da linguagem**”) (tradução minha, p. 12)”.

Essa questão também é observada por J-L. Chiss e C. Puech (1999), que dizem: “Definir a identidade de uma disciplina, também num momento em que a locução “**ciências da linguagem**” tende a substituir o termo “linguística”, é se situar entre memória e porvir, entre extensões e limites” (tradução minha, p. 9).⁶

A meu ver, a possibilidade histórica da passagem da expressão *ciência da linguagem*, no singular, para *ciências da linguagem*, no plural, significa um acontecimento discursivo sem dúvida decisivo para o conjunto dos estudos sobre a linguagem de modo geral. A formulação *ciências da linguagem* possibilitou a realização de outros recortes entre os domínios de saber, produzindo efeitos interessantes sobre a, até então, relação inequívoca de sinonímia entre *linguística* e *ciência da linguagem*. Ou seja, nesses deslocamentos teórico-epistemológicos – que tocam, sempre, de uma forma ou de outra, a tensão entre a linguística, ‘seu domínio próprio’ (J-C. MILNER, 1978) e aquilo que foi dela excluído por Saussure, mas que retorna sob diversas formas na disputa por um espaço no domínio do científico – entra em jogo o processo de questionamento da evidência da

⁵ Em francês : «Le titre de cet ouvrage comporte deux particularités, qui répondent à deux options fondamentales et que nous nous devons d’expliquer ici: le pluriel de *sciences*, le singulier de *langage*» (DUCROT & TODOROV, 1972a, p. 7).

linguística como *a* ciência da linguagem: ela passa a ser considerada como *uma ciência da linguagem*, ao lado de outras.

Da perspectiva HIL, a instauração desta nova configuração dos estudos da linguagem não se constitui fora das condições histórico-políticas que envolvem o Estado e as instituições. Talvez um passo na compreensão da formulação deste plural seja pensar que o dicionário abrigava um grande número de domínios de saber científicos que não se deixavam significar pela expressão *ciência da linguagem*, que funcionava fortemente (e ainda funciona) como sinônimo de linguística. Desse modo, a necessidade de colocar *ciência* no plural em um dicionário especializado se produz através da necessidade de trabalho com uma distribuição de saberes já existente – ou seja, saberes já institucionalizados, já recortados no interior de universidades, faculdades, departamentos, cursos, disciplinas, etc. E também, através de publicações de autores legitimados por sua relação com outros autores e com alguma instituição. E ainda e, sobretudo, pelas demandas do Estado sobre a legitimação dos saberes.

Linguística, Ciências da Linguagem e Estudos da Linguagem na Unicamp

Como mostrei no quadro ilustrativo do processo de institucionalização da linguística em faculdades e universidades brasileiras, o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp teve início no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em 1971 e, em 1976, foi transferido para o Instituto de Estudos da Linguagem – IEL. O IEL foi a primeira instituição universitária do Brasil que teve a palavra *linguagem* em seu nome, e com o nome *estudos da linguagem*.

A história de constituição do IEL está ligada a uma demanda da própria universidade, que previa a criação de um Instituto de Letras e, ao lado disso, às novas propostas apresentadas pelos professores do Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, onde havia também um grupo importante de Teoria Literária. Ao mesmo tempo, o fato de que esses professores se encontravam vinculados a um Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e não a uma Faculdade de Letras não foi sem consequências para a criação do IEL.

⁶ No livro, em francês: «Définir l'identité d'une discipline, à un moment aussi où la locution «sciences du langage» tend à se substituer au terme «linguistique» c'est se situer entre mémoire et avenir, entre extensions et limites».

As primeiras propostas para o novo Instituto já buscavam fugir do sistema tradicional das Letras. Uma delas, sem data, mas que deve ter sido escrita em 1975, diz o seguinte:

A proposta que submetemos à Unicamp é no sentido de que, em lugar de **um “Instituto de Letras”**, esta universidade crie e desenvolva uma unidade de ensino e pesquisa **sobre a linguagem humana: a linguagem** como atributo específico do homem, investigada nos inúmeros aspectos de sua complexa natureza – físicos, biológicos, psíquicos, sociais – e nos usos culturais que dela fazem as comunidades humanas e cuja manifestação mais requintada é a arte literária. (Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp 1975-1982 : cx 2, mç 1)

Uma outra proposta, que é, provavelmente, do mesmo ano, intitulava-se: “O novo Instituto de Linguística e Estudos Literários”. (Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp 1975-1982: cx 2, mç 1).

Em 1976 é apresentada a “Proposta Instituto de Estudos da Linguagem – IEL”, que foi aprovada pela universidade por unanimidade. Nessa proposta, o IEL é definido como:

Unidade de ensino e pesquisa, nos níveis de graduação e pós-graduação, destinada a formar docentes e pesquisadores no domínio dos estudos sobre **a linguagem em suas diversas manifestações**. (Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp 1976: 6)⁷

Seu objetivo é:

... assegurar as condições para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino, nas áreas do conhecimento que tenham por **denominador comum** o fenômeno **da linguagem humana**, nos múltiplos aspectos da sua natureza complexa (físicos, biológicos, psíquicos, sociais, estéticos) e nos usos culturais que dela fazem as diversas comunidades. (ibidem: 7).

Essas áreas do conhecimento são divididas em duas disciplinas já existentes: “... tanto a Linguística quanto a Teoria Literária têm por denominador comum **a linguagem**, ponto de partida do conhecimento propriamente humano, condição do desenvolvimento cultural” (ibidem: 9).

Naquele momento, outro nome cogitado como opção à Instituto de Letras era **Instituto de Ciências da Linguagem**. A proposta desse nome não aparece em documentos

⁷ Podemos observar aqui, que a formulação sobre a linguagem em ‘todas as manifestações’ em Saussure, repercutiu produtivamente em textos concernentes à história da linguística e do IEL na Unicamp, ainda que ela seja significada para Saussure como algo com que a Linguística se constitui ‘inicialmente’.

de arquivo da Unicamp, mas é bem conhecida pela comunidade de professores do IEL. Essa proposta é comentada na obra *Conversas com Linguistas. Virtudes e Controvérsias da Linguística* (CORTEZ & XAVIER (orgs.) 2003), que reúne um conjunto de entrevistas realizadas com diversos professores de diferentes universidades brasileiras. Todas as entrevistas foram feitas seguindo um roteiro fixo de dez questões idênticas para todos os entrevistados, dentre as quais a questão fatídica: *A linguística é ciência?*

Buscando responder precisamente a esta questão, a professora M. Bernadete Abaurre, que participou do projeto de constituição do IEL, diz:

O próprio nome do meu instituto na Unicamp, o IEL, poderia ter sido **Instituto de Ciências da Linguagem**, mas optou-se, ao fim de muita discussão, por Instituto de Estudos da Linguagem. E o fato de termos também um departamento de teoria literária no IEL, fez com que a questão, no momento da constituição do instituto, surgisse muito forte. Por isso somos hoje o Instituto de Estudos da Linguagem. No âmbito do próprio departamento de linguística, algumas pessoas não se sentem muito confortáveis com esse enquadramento enquanto cientistas. Por esse motivo, é preferível pensar na linguística como uma disciplina que define um campo de investigação sobre a linguagem. (CORTEZ & XAVIER, 2003: 17/18).

A cientificidade é justamente a questão que impedia a opção Instituto de Ciências da Linguagem, não apenas porque havia um Departamento de Teoria Literária, mas porque o próprio Departamento de Linguística abrigava domínios de saber que não eram considerados tão científicos assim: como, por exemplo, a Semântica e a Análise do Discurso, que já eram disciplinas do Curso de Linguística neste espaço institucional desde 1972⁸.

Nesse contexto, a partir do efeito de pertencimento de determinados domínios de saber à Linguística, pelo fato de tais domínios terem se institucionalizado como *disciplinas* do *curso* de Linguística, os próprios sentidos de *linguística* também se estenderam. Ao lado disso, a expressão *estudos da linguagem* também é bastante frequente.

Além disso, é interessante notar que a própria confecção da obra já mostra a força do nome *linguística* significando produtivamente: ‘Conversas com Linguistas’ e não com *cientistas da linguagem* e nem com *estudiosos da linguagem*.

⁸ Um aspecto importante a ser notado é que, apesar de a Teoria Literária não significar nesses textos no espaço do científico tal como a linguística, seu nome carrega sentidos vinculados à demanda pela cientificidade. Teoria Literária é *teoria*, o que a distingue de Literatura. Teoria Literária funciona no espaço de *saber sobre a Literatura* e não no espaço de *saber a Literatura*.

A Linguística e outros nomes da linguagem em Programas de Pós-Graduação e nas Tabelas do CNPq

No caminho para compreender o modo como os sentidos construídos em torno do nome *linguística* ao lado de *ciências da linguagem*, *estudos da linguagem*, etc. na Unicamp e no espaço universitário brasileiro de modo geral, é fundamental a consideração das políticas institucionais relacionadas ao Estado e às instituições universitárias.

Atualmente, no espaço científico brasileiro, o nome Ciências da Linguagem comparece como nome de programas de Pós-Graduação, ao lado de Linguística, Letras e outros nomes. Em termos quantitativos, se compararmos a grande quantidade existente de programas de Pós-Graduação em Letras e em Linguística com os programas nomeados de Ciências da Linguagem, o nome Ciências da Linguagem, bem como outros nomes, não têm uma presença tão expressiva, mas é uma presença que não deixa de ser significativa.

Entre os programas de Pós-Graduação reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES⁹, a palavra *linguística* aparece em dezessete deles¹⁰. E há também três programas que contêm a expressão estudos linguísticos em seu nome:

Palavras/expressões	Ocorrência	Nome do Programa de Pós-Graduação
linguística	17	11 Linguística 1 Letras: Linguística e Teoria Literária 3 Letras e Linguística 1 Linguística e Letras 1 Linguística e Língua Portuguesa
estudos linguísticos	3	2 Estudos Linguísticos 1 Estudos Linguísticos e Literários em Inglês

(CAPES, 2008)

Entre esses vinte Programas de Pós-Graduação, dezessete são ligados às Letras (como *Instituto*, *Faculdade*, *Departamento* ou *Centro*).

Os três outros programas que não estão vinculados às Letras são o da Unicamp, de 1971, da Universidade Federal de Santa Catarina, também de 1971 e o da Universidade Federal de Uberlândia, de 1994.

⁹ Cf. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2008) *Planilhas Coloridas*. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/coloridas/41_Letras_Ling.xls. Acesso: 3 nov 2008.

¹⁰ Sem contar os seis programas que têm em seu nome a expressão *linguística aplicada*.

Além desses programas de linguística, há ainda dois com a expressão *ciências da linguagem*, três com a expressão *estudos da linguagem*, um com a expressão *estudos da linguagem*, três com a palavra *linguagem* e dois com a expressão *estudo de linguagens*:

Palavras/expressões	Ocorrência	Nome do Programa de Pós-Graduação
linguagem	9	2 Ciências da Linguagem 2 Estudos da Linguagem 1 Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem 1 Estudos de Linguagem 1 Letras – Linguagem e Identidade 1 Letras – Linguagem e Sociedade 1 Linguagem e Ensino
linguagens	2	2 Estudo de Linguagens

(COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR 2008)

A circulação desses outros nomes ao lado de *linguística* no espaço científico brasileiro produziu seus efeitos sobre a versão preliminar de uma nova tabela do conhecimento proposta pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq em 2005. Essa versão preliminar propôs substituir *Linguística, Letras e Artes* por *Linguagens e Artes*:

**Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq
- as grandes áreas -**

Tabela utilizada, provavelmente, a partir de 1984 ¹¹	Tabela proposta em 2005 ¹²
1. Ciências Exatas e da Terra 2. Ciências Biológicas 3. Engenharias 4. Ciências da Saúde 5. Ciências Agrárias 6. Ciências Sociais Aplicadas 7. Ciências Humanas 8. Linguística, Letras e Artes 9. Outros	1. Ciências Matemáticas e Naturais 2. Engenharias e Computação 3. Ciências Biológicas 4. Ciências Médicas e da Saúde 5. Ciências Agrônomicas e Veterinárias 6. Ciências Humanas 7. Ciências Socialmente Aplicáveis 8. Linguagens e Artes

No entanto, o parecer das associações científicas representativas da área de Linguística e Letras foi de manter a designação antiga.

¹¹ Cf. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO [198?] *Áreas do Conhecimento*. Disponível em: <http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>. Acesso: 3 nov 2008.

¹² Cf. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (2005) *Nova Tabela de Áreas do Conhecimento*. Disponível em: <http://www.memoria.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>. Acesso: 3 nov 2008.

Uma análise inicial destas diversas maneiras de nomear os estudos da linguagem permitiu que eu elaborasse algumas reflexões, que penso serem interessantes. Vale notar, por exemplo, que a ordem dos nomes na tabela de áreas do CNPq que se manteve coloca Linguística antes de Letras e Letras antes de Artes. Embora a Linguística não esteja situada entre as Ciências Humanas como uma Ciência Humana nesta tabela, na relação **Linguística, Letras e Artes** funciona uma hierarquia – através da própria história de sentidos que foi se constituindo sobre os nomes destes domínios. Nesta hierarquia, que se pauta pela relação Ciências, Letras e Artes, a Linguística é a Ciência.

Já na relação estabelecida no nome de uma das associações que optou por manter a designação antiga, estabelecem-se outras configurações de sentido. No nome da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em **Letras e Linguística**, a relação parece se constituir através de uma legitimação que remete a uma cronologia, a uma tradição: as Letras já são uma tradição, uma instituição. A Linguística vem depois.

Entre os diversos nomes de linguagem dos programas de pós-graduação, também há relações interessantes a observar. No programa de pós-graduação nomeado de Letras: Linguística e Teoria Literária, por exemplo, Letras é hiperônimo de Linguística e Teoria Literária. O conectivo ‘e’, que separa os dois nomes inscritos no interior das Letras é divisão/oposição, sendo adição apenas em relação à Letras.

Além dessas relações, há várias outras, que desembocariam em muitas e produtivas reflexões. Gostaria de finalizar apontando aqui, de maneira geral, para as relações entre Linguística, Estudos Linguísticos, Ciências da Linguagem, Estudos da Linguagem, Estudos de Linguagem e Linguagens. Diria que esses nomes concorrem com linguística. Mas é interessante notar que esta relação de concorrência não é apenas entre *linguística* e todos estes outros nomes. Elas são também entre:

Ciências da Linguagem	x	Estudos da Linguagem
Estudos da Linguagem	x	Estudos de Linguagem
Ciências da Linguagem	x	Estudo de Linguagens
Estudos da Linguagem		Linguagens
Estudos de Linguagem		

Considerações Finais

Buscando refletir sobre a introdução destes nomes junto ao nome “linguística” no espaço universitário brasileiro, penso que é importante lembrar que a necessidade de

renomear o campo se impõe porque o que está em questão é a falta. A questão a saber, portanto, é: o que falta? A falta não é exatamente a mesma entre essas diferentes designações.

Ao mesmo tempo, não se trata, evidentemente, de uma simples substituição de nomes, mas de uma reconfiguração do domínio do saber. Esse processo de re-nomeação e de re-configuração do domínio, movido pela falta, produz necessariamente outras faltas, assim como outros apagamentos e esquecimentos. As faltas, os apagamentos e os esquecimentos são constitutivos da produção do saber; no entanto, não é qualquer coisa que pode faltar, não é qualquer coisa que se pode apagar, não é qualquer coisa que se pode esquecer.

No caso de *linguagens*, a adição do ‘s’ é, talvez, efeito do questionamento da ruptura saussuriana. Esse questionamento desemboca, às vezes, em uma formulação equivocada da falta: *não é somente a língua, é a linguagem. Mas não é somente uma língua e uma linguagem, são diversas línguas e linguagens*. Nesse sentido, produz-se uma multiplicação das tipologias, o esquecimento o objeto e, por consequência, o apagamento da teoria. Mas os saberes não são multiplicação, eles não se abstêm de um objeto e de uma teoria a seu respeito. Ao contrário, eles são sempre divididos, politicamente divididos.

No caso de *ciências da linguagem*, *estudos da linguagem* e *estudos de linguagem* não é preciso que se diga, *há diversas linguagens* porque isso pode ser evidente: *a linguagem não é sinônimo de uma linguagem*. Em outras palavras, a linguagem é um objeto teórico e, ao menos a princípio, ele não se confunde com as linguagens efetivamente existentes. A falta aqui é de outra ordem. Em *ciências da linguagem* é: *não há somente uma ciência da linguagem, a linguística, há outras*. Em *estudos da linguagem* é: *não há somente os estudos da linguagem que são científicos, há também aqueles que não o são*.

A política linguística das associações científicas representativas do domínio dos estudos sobre a linguagem, ao escolher manter o nome da área do conhecimento da tabela do CNPq como Linguística e Letras mostra sua recusa de abrir mão de seu objeto.

Ao mesmo tempo, no contexto de identificação científico-nacional, representado tanto pelos nomes de Programas de Pós-Graduação, quanto pela localização do domínio Linguística e Letras fora do campo das Ciências Humanas, a cientificidade continua a ser uma questão.

Referências Bibliográficas

ARQUIVO CENTRAL DO SISTEMA DE ARQUIVOS DA UNICAMP – AC/SIARQ. **Notas sobre a Unicamp e o IEL** : cx 2, mc 1. 1975-1982.

_____. **Constituição do Instituto de Estudos da Linguagem**: 6/9. 1976.

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CHISS, Jean-Louis & PUECH, Christian. **Le langage et ses disciplines**. Paris, Bruxelles : Editions Duculot, 1999.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO [198?] **Áreas do Conhecimento**. Disponível em: <http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>. Acesso: 3 nov 2008.

_____. (2005) **Nova Tabela de Áreas do Conhecimento**. Disponível em: <http://www.memoria.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>. Último acesso: 3 nov. 2008.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Planilhas Coloridas**. 2008. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/coloridas/41_Letras_Ling.xls. Último acesso: 3 nov. 2008.

CORTEZ, Suzana & XAVIER, Antonio Carlos (orgs.) **Conversas com linguistas. Virtudes e Controvérsias da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. **Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris : Seuil. 1972a.

_____. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2001, 3 ed, 2 reimpressão. 1972b.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **A Linguística entre os Nomes da Linguagem. Uma Reflexão na História das Idéias Linguísticas no Brasil**. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp. 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Um Estudo Enunciativo da Designação. Campinas: Pontes. 2002.

_____. **História da Semântica. Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil**. Campinas: Pontes. 2004.

LECOURT, Dominique. **Para uma Crítica da Epistemologia**. Lisboa: Assírio e Alvin, 1980, 2 ed. 1972.

MILNER, Jean-Claude (1978). **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MÜLLER, Max (1861) **Leçons sur la Science du Langage**. Paris : Durand et Pedone Lauriel, 1867.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) **Curso de Linguística Geral**. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

Ana Cláudia Fernandes Ferreira é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, membro do programa História das Idéias Linguísticas no Brasil e professora do Curso de Letras-Português da Universidade Metodista de Piracicaba. Atua nas áreas de História das Idéias Linguísticas, Análise de Discurso e Semântica da Enunciação. (anaclau@gmail.com)